

Medalha Municipal de Mérito Cultural de Lisboa

15 Novembro 2024

Introdução

“Uma vida dedicada à informação, que me liga a Lisboa.

Só algumas notas.

New York, 1965, Rockefeller Plaza

Disseram-me: “Destino Lisboa **em três semanas.**

Frequenta todas as aulas de português que quiseres”.

“Só há uma condição: continua a trabalhar no teu turno da meia-noite às oito da manhã na secretária do World 24 da Associated Press até à véspera da tua partida, e corta os teus laços com a Big Apple no início de janeiro de **1965.**”

Claro que eu sabia espanhol e francês... e conseguia aprender com o meu instrutor um pouco de portunhol brasileiro... mas com três horas de sono por noite, era muito pouco.

Evidentemente, conhecia Lisboa pela literatura.

Tinha estudado “Cândido ou o Otimismo” de Voltaire e o terramoto de 1755, que quase apagou a cidade dos mapas... mas que a colocou no centro do Mundo e no centro de um debate intelectual sobre o sentido da vida.

Como estudante de Estudos Clássicos, fiquei fascinado pelo simbolismo da etimologia e pelas raízes da cidade de Ulisses, e pela sua vocação de fornecedora ao Império Romano do condimento de peixe, chamado Garum.

Ansiava pela visão “celestial” de Lisboa, evocada por **Lord Byron**, a partir dos mares. Também já tinha ouvido de **Erich Maria Remarque** que “a noite em Lisboa” precede uma “luminosidade” pela manhã.

E a atmosfera de “nostalgia adormecida” evocada pelo escritor luso-americano **John dos Passos**.

E ainda um certo fascínio pela **Segunda Guerra Mundial**, que trouxe às docas de **Lisboa** o autor de “O Príncipezinho”, **Antoine de St. Exupery**, numa escala de passagem para o exílio nos **Estados Unidos**.

Lembrava-me que **Humphrey Bogart** fez **Ingrid Bergman** embarcar num avião, para **Lisboa**, no filme “**Casablanca**”, dizendo-lhe que **se arrependeria se ficasse**.

”Talvez não hoje, talvez não amanhã, mas em breve... e para o resto da tua vida”.

Era só isso que eu sabia quando cheguei ao aeroporto da Portela.

Não sabia que, muitos anos mais tarde, o aeroporto passaria a chamar-se “**Humberto Delgado**”.

No entanto, uma das minhas primeiras reportagens foi a identificação do General e da Secretária, cujos restos mortais fui descobrir perto de **Badajoz** com um advogado chamado **Mário Soares**. Foi poucas semanas depois da minha chegada, sob o olhar atento de alguns agentes da **Pide**.

Como jornalista, tinha feito a cobertura do funeral de **JFK** em **Washington**, e os “**swinging sixties**” traziam as lutas pelos direitos civis para as ruas e para os ringues de boxe, através de personalidades como **Martin Luther King**, **Malcolm X**, **Mohamed Ali**, enquanto o espectro da guerra do **Vietname** pairava com a sua sombra sobre os **EUA**.

Portanto, aos 23 anos, eu sabia que Lisboa era muito pequena no inconsciente do povo norte-americano e que teria de **lutar** por cada centímetro de espaço nos **EUA** e nos media mundiais se quisesse contar histórias sobre um pequeno país pobre como **Portugal** e uma cidade outrora global como **Lisboa**.

E havia ainda um outro obstáculo, que me **proibia** de procurar factos que só podiam ser impressos no estrangeiro. Mas tinha de ser verificado e reverificado se não quisesse ser expulso ou preso... **A CENSURA**.

Alguns de vós hoje não se lembram que o lápis azul dos censores trabalhava diariamente para expurgar qualquer narrativa negativa ao antigo regime. A **única** forma de os Lisboetas saberem, era através do que era publicado em jornais ou **emissoras estrangeiras** que chegavam aqui **UM OU DOIS DIAS DEPOIS...** ou dos mexericos de boca em boca... normalmente factos exagerados ou desconhecidos.

2ª Parte

Uma das minhas primeiras lições sobre a censura e o controlo da informação pelo Estado Novo teve lugar nos meus escritórios na Praça da Alegria, quando oito agentes da Pide me procuraram por um motivo **que eu ignorava**.

Depois de os ter iludido durante 24 horas (embora eu soubesse que o meu correio, telefone e telex estavam sob vigilância... Uma negociação entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros e a Embaixada dos Estados Unidos permitiu a realização de um longo interrogatório, sozinho, na Rua António Maria Cardoso.

A polícia pretendia descobrir a FONTE de um artigo publicado em muitos jornais internacionais sobre **dois estudantes** que foram maltratados sob a sua custódia - uma rapariga que esmagou os óculos, e tentou engoli-los, e um estudante que partiu as vértebras e as costelas numa queda ou empurrão do primeiro andar de uma prisão. A polícia temia que esta notícia desencadeasse uma maior atividade estudantil na universidade contra o sistema educativo... mais uma vez, ao ser publicada em publicações **estrangeiras**. O artigo estava bem fundamentado, mas o objetivo do meu interrogatório, **dia e noite**, era incriminar as fontes anónimas das quais obtive a informação. Isso não aconteceu!

Durante três anos, continuei a ser convocado pela PIDE ou ameaçado de expulsão pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e pelo SNI, que contestavam as minhas reportagens. Tudo isto ficou amplamente documentado 50 anos depois, quando desclassifiquei os meus dossiers da PIDE, do SNI e outros na Torre do Tombo.

Fui classificado como “subversivo” e o Ministro da Defesa, numa comunicação oficial ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, ficou enfurecido quando nós contabilizámos e localizámos em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau as escassas notas de **falecimento** oficiais fornecidas pelo Governo. As estatísticas oficiais mostravam que o número de vítimas da guerra colonial era superior ao número de soldados americanos perdidos nos primeiros anos da guerra do Vietname, o que tínhamos comprovado com as próprias estatísticas portuguesas!

A batalha pela liberdade de imprensa e cultural foi também travada por muitos portugueses na sociedade civil, quando o final dos anos 60 começou a assinalar o fim dos governos de Salazar e Caetano, antes do 25 de abril.

Três mulheres corajosas - a editora **Snu Abecassis**, **Vera Lagoa**, que criou a primeira coluna de mexericos, e **Natália Correia**, a poetisa e romancista - foram algumas das que ultrapassaram os limites.

Também autores russos e da Europa de Leste do século XIX, tais como **Tchekhov**, **Dostoievski** e **Tolstoi**, nunca tinham sido lidos em português e foram publicados pelas **Edições Dom Quixote**. **Snu** chegou a organizar uma leitura de poesia no Teatro de Revista do Parque Mayer com o dissidente Yevgeny Yevtushenko, que se tornou uma das cenas memoráveis da série da **RTP de 2018**, “**Três mulheres**”, do realizador **Fernando Vendrell**.

Outra Estrela Polar na minha viagem portuguesa foi Francisco Balsemão, que ultrapassou os limites no seu Diário Popular, com quem partilhei notícias que não podiam ser publicadas nos meios de comunicação social portugueses.

Ao longo da sua carreira, **Balsemão** nunca perdeu a bússola da liberdade de imprensa através dos seus jornais, revistas e televisão e tem-na defendido durante toda a sua vida.

Inúmeros outros, nesses anos, lutaram mais com a caneta do que com a espada. Tive a honra de passar algum tempo na sala de estar de **Sofia de Mello Breyner**, e conheci também **Luís Sttau Monteiro**, **António Alçada Baptista**, **Urbano Tavares Rodrigues**, bem como tantos outros.

Recentemente, consultando os meus antigos artigos de maior sucesso dessa altura, fiquei surpreendido por ver a influência de outras corajosas mulheres portuguesas: **Inês de Castro**, **Mariana Alcoforado**, **Maria Lamas**, **Amália Rodrigues**, **Vieira da Silva** (no exílio)...

3ª Parte

“1968” Ano significativo para todos

Deixei Portugal em 1968 para ir para Roma, cobrindo também os acontecimentos de Paris, de que o governo português temia o “contágio”.

O caldeirão social a que assisti **precedeu** a queda de **Salazar** e a chegada dos capitães em **1974**.

Mas eu estava destinado a observar a **Revolução** a partir do **Brasil**, onde tinha um novo posto de trabalho, a fazer reportagens sobre as ditaduras da América do Sul.

“**Fica onde estás**” foi a resposta da Sede aos meus apelos para viajar para Lisboa e seguir os passos incertos da Revolução. Por ironia do destino, o meu pai, correspondente da **CBS** em **Paris**, assistiu ao regresso dos exilados **Soares e Cunhal** na estação de Santa Apolónia.

Mas eu vinguei-me do destino uns meses mais tarde, **em 1975**, quando dei um furo jornalístico mundial. O general **António Spínola**, depois de uma tentativa de golpe de Estado mal sucedida em Lisboa, fugiu para Espanha. Foi colocado num voo regular da Ibéria para a América do Sul e eu tive a ideia de reservar um lugar em **primeira classe**, como “homem de negócios”, no seu voo de continuação do **Rio de Janeiro** para **Buenos Aires**. Em pleno voo, fez-me a sua famosa acusação de que os comunistas ameaçavam “**uma grande matança de Páscoa**”, o que desencadeou a sua tentativa com alguns oficiais. Foi-lhe oferecido asilo político no **Brasil**, com a condição de se abster de fazer declarações políticas. Mas como ele me tinha dado a sua versão da história **antes** do asilo, o meu furo continuaria a ser um furo.

Mais uma vez, foi uma batalha para navegar nas notícias, desta vez pelos brasileiros.

De regresso a **Roma**, como diretor regional para a Europa do Sul, **em 1976**, continuei a frequentar **Portugal**, os portugueses e a minha **Lisboa** em evolução, a caminho da Europa.

Testemunhei como o **Município de Lisboa**, com vários presidentes de câmara (o pudor dita-me que não use nomes), construía túneis e esgotos, uma iniciativa que nem sempre traz votos nas eleições. Sempre admirei isso, independentemente do partido.

Depois de várias carreiras nos meios de comunicação social, foi a minha mulher, **Zeynep**, que me convenceu de que **Lisboa** não tinha apenas as sete colinas de

Istambul ou de **Roma**, mas merecia uma ancoragem firme aqui para nós, na “**Rainha dos Mares**”.

Poderia falar durante muitas horas sobre Lisboa e o meu profundo afeto e gratidão pela sua hospitalidade e virtudes.

Mas vou apenas focar alguns dos **locais insólitos** que aqui marcaram a minha vida de então, de agora e de sempre, e que, de certa forma, são **heterónimos**, para usar uma palavra, adotando várias identidades ao longo da sua existência.

Primeiro, **a Ponte** cuja construção e inauguração testemunhei, durante dois anos, um símbolo da tecnologia americana e do engenho português. Tive o privilégio de subir ao pilar sul em 1966 para ter uma vista deslumbrante sobre a cidade branca. Alguns anos mais tarde, a ponte mudou de nome, tal como Delgado para o aeroporto de Lisboa.

Aí perto, o Cais da Rocha do Conde de Óbidos, local da navegação portuguesa no estrangeiro, de onde grande parte da diáspora europeia, durante a **Segunda Guerra Mundial** partiu para os **EUA** ou para a **América do Sul**, em cenas de partir o coração. E depois, durante a minha estadia nos anos sessenta, foi o local de cenas de lágrimas em que jovens embarcaram para defender os territórios africanos. E, em meados dos anos 70, a inundação de um milhão de retornados que foram absorvidos por um país pobre, envolvido numa transição dramática. Tantas identidades!

Fiquei particularmente hipnotizado pelas fotos e vídeos do êxodo de guerra e pelo seu retrato por **Vhils**, junto à Gare Marítima com os belos frescos de **Almada Negreiros**.

Logo acima, o **MNAA**, que tenho a honra de ajudar com a direção dos **Amigos do Museu**, é um dos tesouros escondidos de Lisboa que merece um destino melhor.

É fascinante admirar novamente o visionário “**Tentações de Santo Antão**” de **Jheronimos Bosch**, como a parábola do **século XV**, para o catálogo de tragédias do **nosso século XXI**: cidades em chamas em pano de fundo, misteriosas máquinas voadoras no espaço e no céu, e uma crueldade abominável na terra com criaturas horríveis a devorarem-se umas às outras.

Há tantos lugares mágicos com atração cultural, mas escolho os três Ms como os meus preferidos: **Madragoa**, **Mouraria** e **Marvila**, cada canto assumindo constantemente uma nova identidade.

Finalmente, nunca é tarde para continuar a minha peregrinação cultural através da frequência da UITI, perto da **Praça de Camões**, onde tantos adultos portugueses já cultos continuam a ensinar e a aprender.

Para terminar, quero agradecer ao **Presidente da Câmara, Carlos Moedas**, a honra que me concedeu e interpretar este gesto como a sua homenagem à crescente e dinâmica comunidade internacional que ajudou a devolver a Lisboa o seu estatuto de cidade global na vanguarda da história venerável e da tecnologia de ponta.

Viva Lisboa e os seus cidadãos resilientes!